

COLETA SELETIVA EM RIO CLARO: INVENTÁRIO E EFICIÊNCIA DA COLETA DOS RESÍDUOS SÓLIDOS DOMICILIARES.

Nivia Maria Sucomine, Manuel Rolando Berríos Godoy. - Inter-áreas – Ecologia - Departamento de Planejamento Territorial e Geoprocessamento – Instituto de Geociências e Ciências Exatas - Campus de Rio Claro.

O crescimento populacional, bem como o aumento do grau de urbanização em nível mundial, não foi acompanhado de medidas necessárias para dar aos resíduos sólidos gerados pelo homem, um destino correto, tornando os resíduos um dos maiores problemas ambientais, fazendo-se necessário e urgente o seu manejo de forma adequada. A reciclagem é uma destas formas.

Em Rio Claro/SP, o conceito de reciclagem se deu através da implantação do programa de coleta seletiva do lixo, em 2002, encabeçado pela Prefeitura que subsidiou a formação da Cooperativa de Trabalho dos Catadores de Material Reaproveitável (COOPERVIVA), fundamentado nos seguintes fatores: Conscientização (para motivar o público alvo), Mercado (para absorção do material recuperado) e Tecnologia (para efetuar a coleta e a triagem) como sugeridos no trabalho de IPT &CEMPRE (2000).

Assim, o presente trabalho teve como objetivo apresentar um inventário dos resíduos sólidos domiciliares que chegavam ao pátio da central de triagem da COOPERVIVA e averiguar, também, se, após quatro anos da implantação do programa de coleta seletiva neste município, a comunidade rioclarense (abrangida por este programa) sabia efetivamente separar os materiais destinados a ele.

A formulação do inventário se deu através do levantamento quali-quantitativo de todo o material comercializado pela COOPERVIVA, advindo da coleta seletiva durante seis meses contínuos.

Para averiguar se a comunidade sabia separar o lixo que era destinado à coleta seletiva, realizou-se por um mês, diariamente, a quantificação (parcial) dos componentes presentes no lixo da cooperativa destinados à coleta comum (material coletado nas residências, porém não passíveis à reciclagem - rejeitos) através do método de quarteamento proposto pela CETESB (1990).

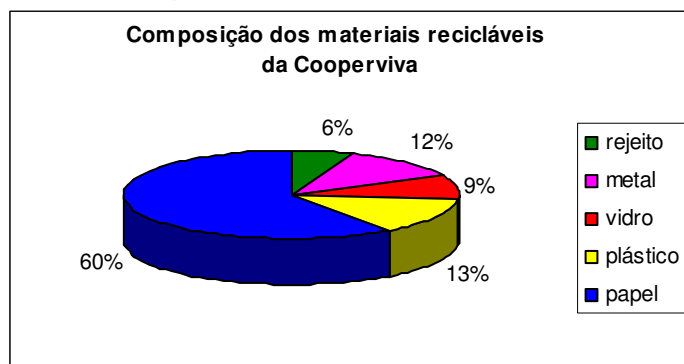
Partimos da seguinte premissa: se for encontrada uma quantidade de lixo maior à média nacional defendida pela CEMPRE (2006), poder-se-ia inferir que a população não estava separando o material adequadamente e, se for encontrada uma quantidade mínima ou até nula de rejeitos, ou seja, abaixo da média nacional, obter-se-ia uma suposição oposta à anterior. O rejeito foi também qualificado a fim de se saber os motivos pelos quais estes materiais ali se encontraram.

A tabela e o gráfico seguir, apresentam respectivamente, entre outras informações, a porcentagem média dos materiais comercializados pela cooperativa e o inventário da coleta seletiva de Rio Claro propriamente dito.

Tabela 01: Médias mensais do peso e porcentagens dos materiais reciclados.

	Grupo	Subgrupo	Média mensal (kg)	Porcentagem (%)
MATERIAL	Papel	Jornal	9.054	26,77
		Ofício	1.753	5,18
		Papelão	10.163	30,06
		Cartonada	946	2,80
	Vidro	Incolor	1.579	4,60
		Colorido	1.479	4,37
	Metal	Ferroso	3.994	11,81
		Não-ferroso	229	0,68
	Plástico	PET	2.085	6,17
		PE	1.869	5,53
		PVC/PS	660	1,95
		TOTAL	33.812	100

Gráfico 01: Porcentagem dos materiais recicláveis coletados na COOPERVIVA.



Pela análise do gráfico 01, podemos verificar que a porcentagem do rejeito na cooperativa é de apenas 6% do total do inventário, um valor bem abaixo dos índices nacionais que giram em torno de 16%, portanto, podemos concluir que a comunidade rioclarense abrangida pelo programa de coleta seletiva está separando adequadamente o material destinado à COOPERVIVA.

No entanto, quando nos dispusemos a quantificar e qualificar estes “rejeitos”, a fim de identificar os possíveis motivos da presença desses no montante de material destinado à coleta seletiva, verificamos que em algumas parcelas da comunidade, existe uma grande deficiência de informação nos quesitos básicos sobre reciclagem, principalmente sobre os itens: como e quais materiais devem ser destinados à coleta seletiva, uma vez que o rejeito em geral, além de sujo era basicamente composto por material não reaproveitável pelos métodos convencionais de reciclagem.

A falta de capacitação técnica-científica dos próprios trabalhadores da Cooperativa bem como o não interesse destes por algumas peças de roupas, calçados, utensílios domésticos, enfim, materiais não passíveis a reciclagem, porém também doadas pela população com intuito de auxiliar na melhoria das condições de vida dos catadores foram outros dois motivos identificados como resposta do por que da presença tão freqüente destes materiais no lixo descartado pela COOPERVIVA.

Assim, analisando simultaneamente os resultados obtidos para a formulação do inventário com dados adquiridos pelo levantamento quanti-qualitativo dos rejeitos da cooperativa, concluímos que, mesmo tendo o programa de coleta seletiva um alto índice de aproveitamento (dado à baixa quantidade de rejeitos verificados na composição total do inventário) é ainda totalmente possível aperfeiçoá-lo, visto que muito material que hoje sai da cooperativa para a coleta de lixo comum pode ser reaproveitado.

Referências Bibliográficas

COMPANHIA DE TECNOLOGIA E SANEAMENTO BÁSICO (CETESB). São Paulo. **Resíduos Domésticos**: tratamento. São Paulo, 1990.

COMPROMISSO EMPRESARIAL PARA RECICLAGEM (CEMPRE). **Pesquisa Ciclossoft, 2006**. Última atualização 2006. Disponível em: <<http://www.cempre.org.br/>> . Acesso em: 08 set.2006.

INSTITUTO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS (IPT). COMPROMISSO EMPRESARIAL PARA RECICLAGEM (CEMPRE). **Manual de gerenciamento integrado**. 2. ed. São Paulo: IPT/CEMPRE, 2000.